

Emergentes geraram 45% do aumento do PIB global no semestre passado

Aguinaldo Novo

Crescimento este ano, porém, deve ser menor e crise ameaça avanço dos ricos

Do quase US\$ 1,5 trilhão de aumento do PIB (Produto Interno Bruto, conjunto de bens e serviços produzidos) mundial na segunda metade do ano passado, cerca de US\$ 670 bilhões vieram dos mercados emergentes, o que representou a cifra recorde de 45%. Esse número, que entre 2006 e 2007 ficara abaixo de 18%, mostra como a economia global passou a depender de países como China, Brasil e Índia, num momento em que o fantasma da crise financeira volta a assombrar a incipiente recuperação das potências europeias e dos EUA.

Com um PIB anualizado de US\$ 4,8 trilhões, a China aumentou sua participação de 13% para mais de 30%, o correspondente à geração extra de aproximadamente US\$ 500 bilhões em riquezas. Na sequência, aparece o Brasil, cuja parcela no período pulou de 2% para 6%. Fechando o ciclo, a Índia, de 3,5% para 5%. Esses percentuais levam em consideração o crescimento registrado pelas 18 maiores economias do mundo, que correspondem a 85% do PIB mundial.

A adição dos demais 15% dificilmente alteraria a constatação de que, por ora, a recuperação econômica mundial segue muito dependente de um número limitado de economias emergentes explica o economista-chefe do banco de investimento Banif, Mauro Schneider, responsável pelos cálculos.

Concluído em abril, o estudo considerou a premissa de que a crise na Grécia seria contornada a curto prazo. Ainda assim, o cenário traçado na época pelo banco não era exatamente animador. Líderes na expansão mundial, os países emergentes começariam a conter o crescimento do consumo interno e dos investimentos (para evitar um repique dos índices inflacionários), enquanto os países desenvolvidos ainda teriam pela frente obstáculos para voltar a crescer com força.

Os acontecimentos da última semana, com o recrudescimento da crise que agora ameaça engolir Portugal, Espanha e Itália, acabaram reforçando o cenário pessimista para a recuperação da economia mundial a médio prazo. Para o Banif, essa perspectiva é incerta.

Isso (o cenário) agora ganhou nova ameaça substantiva com a Grécia — disse Schneider, acrescentando que é difícil imaginar que a Grécia não possa contaminar a Europa inteira e mesmo os EUA. A conclusão é que teremos os emergentes ainda crescendo, mas num ritmo menor do que no passado, sem a garantia de que isso será compensado pelas economias desenvolvidas.

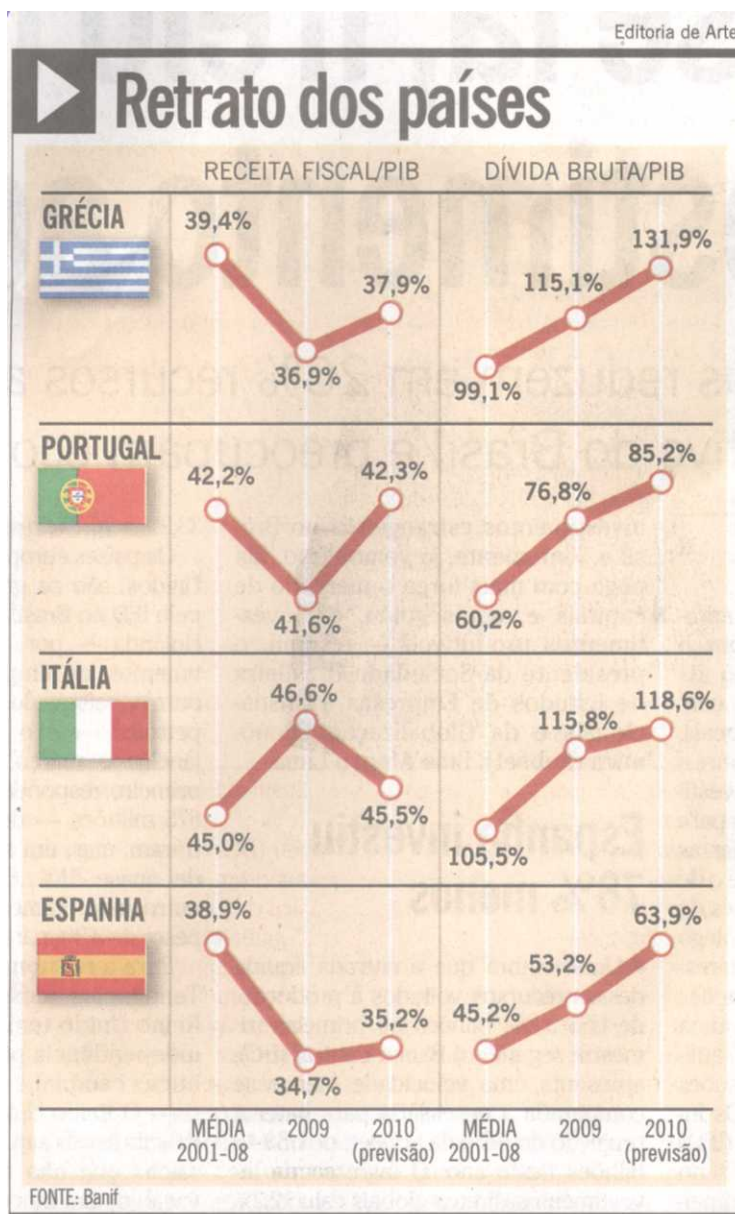
Endividamento dos países europeus deve subir

Historicamente, os processos de recuperação econômica são desbalanceados pelo termo empregado pelo Banif. Saltam na frente os que sofrem menos com a crise e tem maior potencial de crescimento. Durante muito tempo, esse papel coube exclusivamente aos EUA, cujo consumo ainda equivale a cerca de 20% do PIB mundial. A falta de um "rebalanceamento" pode, em tese, levar a um novo ciclo de retração.

As dificuldades para que esse processo se repita, a partir da Europa, estão na perspectiva de elevação do endividamento de alguns países. Projeções do FMI e da própria Comunidade Europeia indicam que a dívida pública da Espanha subirá de 40% do PIB, em 2008, para quase 65% neste ano e para mais de 70% em 2011. Mesmo a Alemanha, que conseguiu manter seu déficit fiscal sob controle até 2009, terá dificuldade para administrar suas contas. A combinação de aumento desse déficit e baixo crescimento do PIB levará seu endividamento a ultrapassar os 80% do PIB.

O endividamento público na Europa não só se manterá acima de 60% do PIB, parâmetro do acordo de Maastricht, como seguirá em trajetória ascendente nos próximos anos. O

financiamento desse déficit competirá com o setor privado por recursos limitados e, dessa maneira, o custo do crédito subirá — afirmou Schneider.



Fonte: O Globo, Rio de Janeiro, 9 maio 2010, Economia, p. 30.